

Projeto de Gustavo Gelmini une cinema e dança

PÁGINA 3



Mark Knopfler lança o nostálgico 'One Deep River'

PÁGINA 4



Biblioteca Parque exibe doc sobre Beth Carvalho

PÁGINA 6



2° CADERNO

Legado feminista de Virginia Woolf inspira a exposição 'Uma Casa Toda Sua' na Casa Eva Klabin

Um farol permanente pela igualdade

Por Cláudia Chaves | Especial para o Correio da Manhã

Passados 83 anos de sua morte por suicídio, a obra de Virginia Woolf permanece como um farol a inspirar e impactar as discussões sobre as questões das mulheres, um verdadeiro legado de igualdade de gênero e ativismo. A atuação dessa escritora gigante não se limitou ao feminismo. Sua defesa antiguerra e antifascismo foi praticada e exibida em sua literatura e na vida cotidiana.

Essa é a importância que, baseada no livro "Um Teto Todo Seu", de Virginia Woolf, a Casa Eva Klabin recebe a exposição "Uma Casa Toda Sua". A curadora Isabel Portella une Eva Klabin e Virginia Woolf num mesmo pensamento, convidando 14 artistas mulheres com discursos e poéticas bastante diversas para trazer propostas instigantes e interferências no espaço. **Continua na página seguinte**

Fotos/Divulgação



Domínio sobre a vida é condição para criar



Imagens da exposição 'Uma Casa Toda Sua', em cartaz na Casa Museu Eva Klabin



“O que proponho é uma exposição só com artistas mulheres independentes. Mães solo, mulheres negras, lésbicas, trans, periféricas, deficientes, idosas e mulheres livres que fazem seus trabalhos com garra e força, independentes de críticas e do mundo fático dos curadores homens que habitam o nosso cenário artístico atual”, explica Isabel Portella.

O livro “Um Teto Todo Seu” é uma coletânea de palestras de Virginia Woolf ministradas em faculdades de Cambridge, em 1929. Na obra, a autora reflete sobre as condições sociais da mulher e sua produção literária, bem como as dificuldades para que elas tenham uma posição de destaque e possam se expressar livremente, características ainda presentes nos dias de hoje. Virginia defende que a mulher precisa ter domínio sobre a sua vida e autonomia financeira para poder criar.

No período em que o livro foi publicado, Eva Klabin tinha apenas 25 anos, mas já praticava as verdades enunciadas pela autora britânica. Ao mesmo tempo que vivia intensamente suas viagens e estudos, ela também precisava de um espaço privado, um pedaço do mundo onde sua individualidade existisse isoladamente. Na casa da Lagoa - onde hoje funciona a Casa Museu - Eva reuniu peças vindas de civilizações e épocas diversas para conservá-las ao alcance dos olhos, no lugar onde vivia. O legado de Eva e Virginia permanece no fazer de cada artista, convidando a reflexões sobre as diferentes narrativas.

“No encontro da arte com tantos desejos e conquistas, celebremos a figura de mulheres que ousaram transgredir oferecendo à vida o que têm de mais íntimo e sagrado”, complementa a curadora sobre as 14 artistas. São elas: Bel Barcellos, Carolina Kaastrup, Claudia Hersz, Daniela Mattos, Dora Smék, Julie Brasil, Karola Braga, Lyz Parayzo, Mariana Maia, Marlene Stamm, Pamela Castro, Patrizia D’Angello, Sani Guerra e Simone Cupello.

SERVIÇO

UMA CASA TODA SUA

Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa) até 23/6, de quarta a domingo (14h às 18h) | Entrada franca

ENTREVISTA / GUSTAVO GELMINI, COREÓGRAFO

Divulgação



Gustavo Gelmini, coreógrafo

‘É a zona de desconforto que me conforta’

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Esgrimista do tempo e no espaço na dança, como coreógrafo e realizador de vídeos de cine-dança, Gustavo Gelmini tem pela frente, em sua escrita fílmica um... “Plano-sequência”. O termo, que se refere a uma filmagem sem pontuações, de fôlego longo, dá nome ao novo projeto do multiartista por trás de espetáculos como “Casa”, “Falta” e “Fauno”.

Contemplada pelo Sesc Pulsar, a expo-

sição híbrida feita por ele em duo com o catalão Sergi Arbusà está em gestação para estrair em 19 de outubro na galeria do Sesc Madureira. Fã de Wim Wenders e David Cronenberg, Gelmini aprendeu com eles que a verdade existencial vem do corpo, daí a tensão do físico e a tensão da geografia, numa aposta na força do subúrbio.

Qual é a noção de espaço que o seu trabalho investiga? Que local Madureira ocupa nessa investigação?

Gustavo Gelmini: Plano-sequência é uma exposição que traz justamente a re-

flexão dos nossos deslocamentos espaciais internos e externos pelo movimento de corpos e por uma outra percepção de lugar. A galeria será dividida em três salas, para uma narrativa entre a minha obra de projeções de cine-dança, trazendo corpos vulneráveis em suas potências, em parceria com Sergi Arbusà, artista catalão. Sua obra traz infláveis plásticos efêmeros que, inflados por ar, criam uma membrana monocromática na arquitetura do espaço interno da sala de exposição. O público é transportado através da experiência sensorial para um ambiente simultaneamente familiar e novo, como barreira de múltiplas realidades. Já a terceira sala será a união de nossas obras, buscando o efeito que procuramos, deslocando percepções entre espaços, de movimentos internos para movimentos externos, onde a linha entre eles passa a não mais existir. Com isso, queremos provocar no público a experiência de olhar de outra forma seus preconceitos e certezas, trazendo o ponto de vista da diferença. Realizar este trabalho no Sesc Madureira faz com que o projeto ganhe uma especial importância, tendo em vista que desloca a perspectiva de onde se espera ter uma galeria de arte na cidade. Hoje, por infelicidade, os centros mais periféricos se afastam da expectativa do centro artístico da cidade, associado

“*A minha dança é e sempre será uma dança periférica. O que me atrai nessa dança é justamente o encontro com a potência de corpos que se permitem serem vulneráveis como afirmação e como forma de subversão dos lugares de poder*”

Gustavo Gelmini

normalmente à Zona Sul. Não à toa o trabalho terá parte de sua criação realizada em residência artística no Le Centquatre, um lugar de referência para a arte contemporânea francesa, e que fica justamente numa zona periférica de Paris.

Que caminhos a sua conexão com a dança toma nesse processo?

A minha dança é e sempre será uma dança periférica. É a zona de desconforto que me conforta. O que me atrai nessa dança é justamente o encontro com a potência de corpos que se permitem serem vulneráveis como afirmação e como forma de subversão dos lugares de poder.

De que maneira o cinema te equipa para essas investigações híbridas?

Nas minhas pesquisas, fui procurar a dança na história da formação do cinema justamente pela escuta do corpo, afinal, o cineasta Serguei Eisenstein (que consolidou o cinema como expressão artística) foi aluno do teatro corporal de Meyerhold e até mesmo o utilizou para a montagem rítmica de seus filmes. Ou seja, a dança e o cinema é um eterno retorno entre a pulsação do movimento e a emoção que ela traz ao público, para além de seus aspectos narrativos. Ou seja, quando estou coreografando uma peça estou editando, e quando estou editando penso em coreografia. Esses aspectos são indissociáveis. Em “Plano-sequência”, essa relação inseparável ganha contornos espaço-temporais com a incrível obra de meu parceiro artístico Sergi Arbusà.

Um rio de delicadezas

Murdo MacLeod/Divulgação

Líder do saudoso Dire Straits, Mark Knopfler dá sequência à sua robusta carreira solo com o elegante e nostálgico álbum ‘One Deep River’

Por Affonso Nunes

Uma das guitarras mais deliciosas do rock está de volta. Dono de riffs inesquecíveis e com seu timbre peculiar desde os tempos do Dire Straits, Mark Knopfler apresenta ao mundo “One Deep River”, seu 12º álbum como artista solo, mostra o melhor músico num fluxo permanente de texturas sonoras de puro refinamento e letras com algo a dizer - algo estampado em seu DNA artístico. Knopfler extrai beleza do simples com a naturalidade de quem caminha desprentensiosamente à beira de um rio.

O artista vinha mantendo um fluxo constante de lançamentos, interrompido nos tempos da pandemia. Este é o primeiro trabalho desde o excelente “Down The Road Wherever” (2018). Mas o lapso de tempo não se faz sentir no novo disco que parece perguntar: onde foi que paramos mesmo?

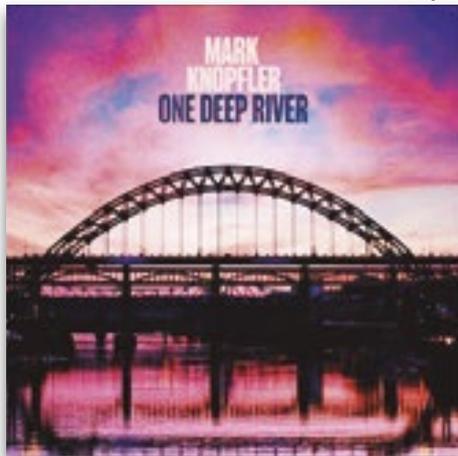
As novas canções, explica Knopfler, se baseiam em uma vida inteira de influências que cruzam gêneros como blues, folk e rock, entre outros, e, como de hábito, revelam seus encantos e sua profundidade com uma graça desapressada em baladas que nos fazem pensar. Afinal, Knopfler é um hábil escavador de lembranças.

A faixa-título, por exemplo, expressa o carinho de Knopfler pelo rio que atravessa Newcastle, sua cidade natal. O Rio Tyne e uma de suas pontes ilustram a capa do disco numa bela imagem de pôr do sol. “Atravessar o Tyne está sempre em sua mente”, diz ele num dos versos da nostálgica canção. “É o sentimento que eu tinha quando estava saindo da cidade e o mesmo toda vez que volto a Newcastle. Posso estar saindo ou voltando e isso sim-



Mark Knopfler canta lembranças da vida e de Newcastle, sua cidade natal, num disco de rara sensibilidade

Divulgação



plesmente se conecta com minha infância. O poder desse pensamento e dessas lembranças nunca vai embora”, filosofa.

O trabalho foi antecipado no fim de março com o lançamento do single “Two Pairs of Hands” no qual o músico reflete sobre o turbilhão de pensamentos que tomam de assalto a mente de um pop star.

“One Deep River” foi produzido por Knopfler e por seu fiel colaborador Guy Flet-

cher. Foi gravado em seu estúdio de última geração, British Grove, em Londres. A banda que atua no álbum conta com Mark Knopfler nas guitarras e vocais, Jim Cox e Guy Fletcher (teclados), Glenn Worf (baixo), Ian Thomas (bateria) e Danny Cummings (percussão). Há também a participação dos músicos Richard Bennett (guitarra), Greg Leisz (pedais e lap steel), Mike McGoldrick (apito e gaitas de fole irlandesas) e John McCusker (violino). As irmãs Topolski, Emma e Tamsin, fazem os vocais de apoio. Todas as músicas são de autoria de Mark Knopfler.

Cantor, letrista, produtor musical e compositor, é um dos músicos mais bem-sucedidos que o Reino Unido já produziu. E é frequentemente citado como um dos maiores guitarristas de todos os tempos. Ganhou destaque nos anos 80 como líder do Dire Straits, que criou muitas das músicas emblemáticas da época. Knopfler desfez a banda em 1995 e começou a trilhar um novo caminho como artista solo. Nos anos seguintes, Knopfler lançou nove álbuns solo de rock sofisticado e ao mesmo tempo ligado em suas raízes, e continuou a fazer turnês pelo mundo com sua banda.

Ao longo dos anos, dedicou à composição de trilhas sonoras para o cinema em filmes como “Local Hero” (1983), “Cal” (1984), “A

Princesa Prometida” (1987), “Noites Violentas no Brooklyn” (1989) e “Mera Coincidência” (1997). Além disso, tocou e gravou com vários artistas, incluindo Bob Dylan, Van Morrison, Emmylou Harris, Tina Turner, Randy Newman e Chet Atkins. Knopfler foi condecorado como membro da Ordem do Império Britânico em 1999 e recebeu o prestigioso prêmio Lifetime Achievement Award no Ivor Novello em 2012.

Além do novo disco, o 2024 de Knopfler tem sido movimentado. Em janeiro, sua coleção de guitarras foi leiloada na Christies, com várias sendo vendidas por valores recordes. Em 15 de março, Mark Knopfler’s Guitar Heroes lançou uma versão de sua música “Going Home (Theme From Local Hero)” por um grupo de guitarristas ilustres com renda destinada ao Teenage Cancer Trust e ao Teen Cancer America.

Knopfler se uniu ainda a Brian Johnson, o vocalista do AC/DC, numa série de TV em seis episódios para a Sky Arts, intitulada “Johnson & Knopfler’s Music Legends”. Os dois amigos jogam um olhar fascinante na história da música popular, juntando-se a vários convidados especiais, incluindo Tom Jones, Sam Fender, Carlos Santana, Cyndi Lauper, Nile Rodgers, Emmylou Harris e Vince Gill. A série estreia no próximo dia 25.

A viagem mais bonita que se pode fazer

Muito mais do que ir de um lugar a outro, o deslocamento tem o hábito de nos colocar nessa dimensão em que o tempo e o espaço estão suspensos. O novo álbum d'A Banda Mais Bonita da Cidade traduz exatamente essa sensação, com suas letras e sons te convidando a viajar. Há várias pistas (em todos os sentidos) espalhadas ao longo de suas oito faixas - um número simbólico para uma obra que conclui que todo o movimento é circular.

De cima do mundo, a Banda viu o tempo. E só quem esteve por lá é capaz de confirmar que "O futuro já está acontecendo", nome do disco que o quinteto curitibano acaba de lançar. Um álbum com começo e fim, que apresenta a calma e a serenidade de quem desvendou alguns mistérios e passou a ver leveza não só na alegria dos encontros, mas também no inevitável vazio após as despedidas.

O movimento pelo tempo e pelo espaço costura todo o disco. Já na faixa inicial somos transportados para novos hori-

Em seu novo álbum, A Banda mais Bonita da Cidade convida o ouvinte a sair do lugar



Divulgação

A Banda Mais Bonita da Cidade convida o ouvinte a viajar pelas paisagens do novo álbum

zontes, com inícios vertiginosos, planos para o futuro e saltos ao desconhecido. Mas esse voo se torna suave com a companhia certa. E aqui temos também um elemento que segue durante toda a audição da obra: a presença.

Também as melodias têm seu fluxo, seguem sua própria correnteza nos conduzindo por essas sensações. A aposta em uma sonoridade etérea cria cenários belos ou angustiantes pe-

los quais viajamos: a suavidade de timbres que cuidadosamente conversam com os ritmos.

O movimento às vezes exige coragem, aquele empurrãozinho. E o novo álbum d'A Banda Mais Bonita da Cidade é justamente essa inspiração: você não precisa saber por onde começar e tampouco onde isso vai dar. Não se preocupe com isso. Afinal, o futuro já está acontecendo.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Participação amiga

Conhecido por seu trabalho com a Selvagens À Procura de Lei, Gabriel Aragão antecipa o lançamento do álbum deluxe "Rua Mundo Novo" com nova versão de "Por Perto". O projeto trará releituras de todo o repertório de seu álbum de estreia solo com participações especiais, e a faixa ganha a participação da cantora e compositora Roberta Campos. Roberta é parceira de longa data de Gabriel. "Roberta é uma figura muito importante pra mim. Eu simplesmente não podia lançar um deluxe do disco sem a voz linda dela nele".

Divulgação



Divulgação

MPB e chanson

Amostra do álbum "Garoa", programado para ser lançado por Nay Porttela em julho, o single "Todas as Coisas / Toutes les Choses" conecta suavemente sua MPB ao universo musical da francesa Reb. Parceria das duas artistas, a canção bilíngue tem refrão com português e francês misturados. A composição integra o repertório essencialmente inédito e autoral do segundo álbum solo da cantora e compositora goiana sucedendo "Viradela" (2023) na obra fonográfica da artista. "Garoa", explica a artista, equilibra suas influências clássicas e contemporâneas.



Divulgação

Roubando vírgulas

Em um tributo ao amor e à arte da escuta, André Paixão lança o videoclipe "O Ladrão de Vírgulas", faixa do seu álbum "Fora do Ritmo". No vídeo - cheio de referências visuais, como as cores inspiradas na bandeira palestina - um casal busca incessantemente pelo entendimento das histórias um do outro. O vídeo é estrelado por Kátia Jorgensen e pelo próprio artista, que dirigiu ao lado de Fred Borba. Paixão ficou conhecido na cena alternativa como Nervoso, tocou com muitos artistas e tem seu nome na história de projetos como Acabou La Tequila, Lafayette e os Tremendões e Tripa Seca.

CORREIO CULTURAL

Para semear a
criatividade

@catalisi_cerveja

A Kirin mapeia o mercado mundial desde 1975

Brasil se mantém como o 3º maior consumidor de cerveja

O Brasil se manteve na terceira posição mundial no consumo de cerveja. Os dados fazem parte do relatório que a Kirin Holding Company divulga anualmente. Pelo 20º ano consecutivo a China foi o maior país consumidor de cerveja do mundo, bebendo pouco mais de 420 milhões de hectolitros em 2022, o que representa cerca

de 22% da cerveja consumida mundialmente. Isso é mais que o dobro do consumo dos Estados Unidos que se mantém em segundo lugar que consomem 203 milhões de hectolitros. O Brasil mantém a terceira posição com 149 milhões de hectolitros. Os dados são relativos ao ano de 2022.

Fenômeno turco

As novelas da Turquia mostram força no streaming. No Globoplay desde o ano passado, a novela "Hercai: Amor e Vingança" (2019) é novo fenômeno de audiência da plataforma, sendo o segundo produto mais visto do Globoplay na última semana.

Temores

Apesar de ter sua autonomia garantida por lei, a direção da Fundação Padre Anchieta, gestora da TV Cultura, mostra preocupação com as investidas do governador Tarcísio de Freitas e de seus aliados para esvaziar a emissora pública.

Chico Buarque, 80

Perto dos 80 anos, Chico Buarque ganha série na rádio Cultura Brasil. "Chico de Trás pra Frente: Uma Viagem pela Obra de Chico Buarque". A produção de 13 episódios parte de suas realizações mais recentes e segue cronologicamente para trás.

Luto no cinema

A cineasta e escritora Eleanor Coppola, mulher de Francis Ford Coppola, morreu aos 87 anos, em sua residência em Rutherford, Califórnia. Eleanor conquistou visibilidade mundial por seu documentário "O Apocalipse de um Cineasta", lançado em 1991.

Cineasta Márcio Debbelian organiza neste mês o evento multi-linguagem Parque de Ideias na Biblioteca Estadual

Ao longo deste mês o Parque de Ideias, projeto idealizado pelo documentarista Márcio Debbelian, recebe mais uma série de atividades culturais e educativas gratuitas e abertas ao público na Biblioteca Parque Estadual. Entre as novidades da agenda de abril, está o show da cantora Roberta Sá. Em memória aos cinco anos da partida de Beth Carvalho, também haverá a exibição do documentário "Andança: Os Encontros e Memórias de Beth Carvalho" (2022), de Pedro Bronz.

Considerada uma das grandes intérpretes brasileiras da atualidade, Roberta sobe ao palco do Parque de Ideias nesta quarta (17). A cantora lançou em 2023 "Sambasá - Ao Vivo", álbum indicado ao Grammy, e viajou em turnê pela Europa, com apresentações em Portugal, Espanha, Bélgica, França e Suíça. Com mais de 18 anos de carreira, Roberta une em seu repertório uma mistura de ritmos que a destaca na MPB. Entre composições de músicas e interpretações, a cantora já fez colaborações com artistas como Gilberto Gil, Chico Buarque, Ney Matogrosso, Péricles e Zeca Pagodinho.

Já o filme "Andança: Os Encontros e Memórias de Beth Carvalho" (2022), de Pedro Bronz, será exibido no dia 29. Conhecida como a "Madrinha do Samba", Beth morreu em 2019 e foi uma das maiores sambistas do país, além de ter revelado grandes nomes do



Divulgação

Beth Carvalho e sua relação com o samba pode ser visto no documentário 'Andanças'

Divulgação



Roberta Sá fará show gratuito nesta quarta

gênero. A artista documentou os encontros que teve ao longo de 53 anos de carreira e as imagens de seu vasto acervo pessoal estão presentes no documentário. Após a exibição, o diretor participará de bate-papo com o público. A exibição e a conversa serão o ponto de partida da oficina Forma e Conteúdo no Cinema Documentário, em que Bronz vai mostrar os caminhos para se contar uma história no cinema documental.

A programação também contará com a presença da poeta, ensaísta e dramaturga Leda Maria Martins. No dia 24, a autora participa

de Aula Magna. Conhecida desde 2005 como a rainha de Nossa Senhora das Mercês, em Belo Horizonte, Leda vai abordar temas presentes em seu livro "Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela" (2021). As relações do corpo com o tempo, performance, memória e produção de saberes serão tópicos da aula. A autora é considerada uma das principais referências do pensamento negro brasileiro.

A produção de conteúdo no mundo digital também será pauta de oficina em abril. Quem ministra a palestra é o jornalista e apresentador de TV recifense Caio Braz. No dia 25 de abril, em Criar, Produzir, Vender: Criação de Conteúdo Digital, o produtor de conteúdo apresenta inspirações, fontes de informação e formas de estruturar narrativas e gerenciar crises no ambiente virtual.

A programação segue com diversas oficinas gratuitas para o público: Roteiro, Pro_gra_mix: Formação em técnico de som e a oficina Desenho Sem Medo.

SERVIÇO

OFICINAS PARQUE DE IDEIAS
Biblioteca Parque Estadual (Av. Pres. Vargas, 1261, Centro)
Até 3/5 | Programação: www.parquedeideias.com

Destaque do festival Fantaspoa, 'The Island Between Tides' refina a grife autoral de seus diretores, Austin Andrews e Andrew Holmes, no limite do conto de fadas com o macabro



Virada inusitada do tempo caracteriza o longa 'The Island Between Tides', de Austin Andrews e Andrew Holmes, que tem o ator cult Daniel Logue em seu elenco

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Viagens no Tempo costumam inspirar narrativas pautadas pela ciência ou pela magia, mas, no caso de um conto de fadas macabro como "The Island Between Tides", o assombro é o tônus. Não por acaso, o filme chega ao público brasileiro por meio de um dos mais prestigiosos veios de cinema fantástico da América Latina, o Fantaspoa, de Porto Alegre.

É em seu cardápio de 2024, numa sessão às 13h desta terça (16), na Cinemateca Capitólio, na capital gaúcha, que a plateia nacional vai encontrar uma narrativa baseada na peça Mary Rose (1920) de J.M. Barrie (1860-1937), autor de "Peter Pan". Nela, uma jovem atraída por uma melodia misteriosa some nas águas e, ao regressar, encontra um mundo mudado pelo passar dos anos... muitos anos. A direção é da dupla Austin Andrews e Andrew Holmes.

"Gosto do horror existencialista, em especial aquele que expõe o isolamento em paisagens amplas. É daí que vem o desconhecido e, com ele, o medo", diz Andrew, em entrevista via Zoom com o Correio. "O Tempo é a única entidade recorrente

Maré sinistra

Divulgação



te que acreditamos ser capazes de administrar.

"Fomos buscar inspiração em Barrie não apenas por gostar de seu trabalho, mas pelo fato de ele dizer que 'nascer é estar preso numa ilha', o que nos dá a dimensão existencial que buscamos, com alguns sustos", diz Austin.

Os dois unem suas cinefilias nessa produção canadense rodada em Prince Rupert, na Columbia Britânica, com Paloma Kwiatkowski (de "Percy Jackson" e "Bates Motel") no papel principal.

"Nessa lógica do tempo, consi-

dero 'Interestelar', de Christopher Nolan, um dos filmes mais assustadores que já vi, capaz de me dar mais medo do que Halloween, pois nele, a passagem cronológica não é controlável", diz Andrew, feliz ao ouvir que seu filme evoca a estética de Steven Spielberg em sucessos como "ET, o Extraterrestre" (1982).

"Ele tem uma maneira fantástica, e única, de entreter, e a gente espera um dia chegar lá", diz Austin. 'Inteligência Artificial' é outra história sobre solidão e tempo que eu revejo sempre".

Num domínio pleno das ferramentas da tensão, Austin e Andrew nos mostram uma paisagem silvestre idílica. Nela, Lily (Paloma) é uma menina cercada dos cuidados dos pais que se perde ao seguir uma enigmática sonoridade até uma remota ilha regada pela força das marés. É um chamado que lembra o de "O Flautista Mágico". Depois de imergir, ela retorna na próxima maré baixa. Mas, ao voltar, percebe estar numa realidade distinta onde décadas se passaram e seus entes queridos envelheceram, sem que uma ruga se formasse em sua face.

Enquanto o mundo ao seu redor se transformou, Lily permanece imutável, desencadeando uma série de eventos sobrenaturais que desafiam sua compreensão do tempo e da realidade.

"Esse efeito que abordamos abre espaço para que o espectador se intrigue e busque saber o que se passou", explica Andrew, destacando a presença cult do ator Donal Logue, o sargento Harvey Bullock da série "Gotham", no elenco. "Ele é do Canadá e, apesar de seu currículo incrível, topou estar conosco. Por ser um ator na casa dos 50 anos, fazer ele parecer mais jovem, com 30 anos, fica mais fácil para a caracterização".

"É importante termos ao nosso lado estrelas que busquem novas dimensões para seu trabalho", diz Austin, que destaca o refinamento da engenharia sonora de "The Island Between Tides". "Se acertássemos o equilíbrio sonoro, encontraríamos a medida da tensão, pois a fantasia reside no som. É uma trama sobre pessoas que residem fora do plano do nosso tempo, em outras camadas do real".

CRÍTICA / RESTAURANTE / KEBAB SHOP

Um pulo no mercado persa

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Aqui no Brasil, onde a imigração euroasiática, sobretudo dos católicos árabes como os sírios, turcos e libaneses, as suas tradições culinárias foram incorporadas ao nosso dia a dia. O quibe, aquele bolinho de carne moída, se apresenta em várias formas, inclusive com o nosso amado catupiry. A palavra tem origem em kebab que é variedade de pratos de carne originários da Média Ásia.

Kebab (kebab em turco, kabab no Irã, Afeganistão, Índia e Paquistão, também escrito kebob, kabob; significa carne grelhada em

persa e grego. Kebab geralmente é feito de cordeiro e carne bovina. Às vezes, frango e peixe são usados em alguns estilos.

Em um dia que queríamos fugir do calor insuportável, pensando que existem climas mais amenos, quisemos comer uma comida de rua que nos lembrasse de outras paragens. Acertamos em cheio porque fomos ao Kebab Shop do Menezes Cortes. Fomos recebidos pela gentilíssima Valéria que nos explicou tudinho.

Kebab Shop é marca de típica gastronomia libanesa com lojas no Centro do Rio, na Tijuca e no charmoso bairro do Leblon. Com foco no sanduíche, de pão árabe ou pão folha, a casa idealizada pelos sócios Gonçalo Car-



Tomás Vélez/Divulgação

O Kebab Shop oferece as refrescantes saladas árabes

valho, um português, e o libanês Moux Ariss, tem preparo das carnes marinadas em temperos especiais por um dia e, depois,

finalizadas em cozimento lento.

Primeiro, os sanduíches são de ótimo tamanho, bem recheados e as fritas vêm à perfeição. Aquela

máquina que a carne fica rodando e depois se corta em fatias bem fininhas são já um prazer pelas lembranças do que vivemos. O molho de grão de bico o humus é para se ir colocando aos poucos e saboreando com calma a carne, o frango ou o falafel, os bolinhos fritos de grão-de-bico ou fava moída, normalmente misturados com condimentos como alho, cebolinha, salsa, coentro e cominho. Depois de muita conversa com Valéria, muitas risadas e os sanduíches verdadeiramente deliciosos, ganhamos energia e o calor até passou.

SERVIÇO

KEBAB SHOP*

Rua São José, 35 - Centro
De segunda-feira a sexta-feira (11h às 20h)

*Com filiais na Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 314 lj N) e Leblon (Rua Gen. Artigas, 232)

NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Vítor Faria/Divulgação



Estrelas no Oteque

O chef Zaiyu Hasegawa chega ao Rio no dia 18 para celebrar com o colega Alberto Landgraf o 6º aniversário do Oteque. À frente do Den, em Tóquio (2 estrelas Michelin, 8º no 50 Best da Ásia e 21º na lista mundial), Hasegawa apresenta uma cozinha criativa, que quebra paradigmas da culinária japonesa de forma descomplicada, com ingredientes sazonais de excelência em pratos e sabores tradicionais sob viés contemporâneo. Conceitos que também servem de pilar para o trabalho executado por Landgraf nos últimos anos.

Divulgação

Novidades no D'Heaven

Comandado pela chef Heaven Delhay, o D'Heaven apresenta uma entrada e quatro pratos principais inéditos, com a competência e criatividade da finalista Masterchef. Além do clássico Gnocchi Fritti, agora chegam ao cardápio a entrada de Burrata/Figos/Pistache/Mel, finalizada à mesa com mel de Uruçu. Os pratos principais são Cassoulet de Poulet com Ris e Farofa (a feijoada francesa), Cotê de Porc com Purée de Pomme de Terre Truffée, Costela Prensada, Pomme Anna e Burrata e Boeuf Bourguignon. Os sabores equilibrados relem os clássicos franceses.



Divulgação



Katz-su recebe Mapu

Para comemorar 1 ano do Katz-Su, Bruno Katz convidou os chefs do consagrado restaurante Mapu, em São Paulo, Caio Yokota e Victor Valadão, e o bartender Maurício Barbosa, para um evento especial nesta segunda (15), a partir das 18h, dentro do Colab Dragão Branco, alusão aos filmes tipo Jiraya, com guerreiros ninja. "Escolhemos às segundas-feiras para confraternizar com a galera do meio, convidando chefs com pegadas asiáticas. Até setembro, teremos mais nomes para participar, como Thomas Troisgros, Elia Schramm, Kaywa Hilton e Ravi Leite", explica Katz.